

# Um sofisticado 'point' para discretas articulações

*DF*  
**Bar em Brasília oferece fax, carro e até secretária**

BRASÍLIA — Os lobistas articuladores políticos que gostam de agir nos bastidores ganharam um novo quartel-general em Brasília: o Ascot Bar. Na Quadra 402 Sul, ao lado do restaurante Florentino, um dos mais freqüentados por políticos, o novo bar privé oferece aos clientes serviços de fax, carro com motorista e até secretária. José Fernandes, um dos proprietários, garante que a casa noturna será um paraíso para as articulações típicas de Brasília, com espaços adequados para conversas sigilosas e celebração de grandes negócios.

— É o primeiro bar de Brasília feito para as pessoas do governo, os políticos, os empresários e os lobistas — disse Fernandes.

Segundo ele, com Cr\$ 70 mil, uma pessoa poderá aproveitar uma noitada no bar, que funcionará de segunda a sábado, das 17 horas às 5 horas.

Na noite de inauguração, terça-feira, estiveram no bar políticos como o líder do PFL na Câmara, Luís Eduardo Magalhães (BA), o governador de



No Ascot, os clientes terão, além dos drinques preparados pelo 'barman', ambientes para conversas sigilosas

Minas Gerais, Hélio Garcia (PRS), o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ), o ex-porta-voz Cláudio Humberto e o empresário Luís Estevão.

Com três ambientes, em estilo colonial e espaço para dança, o bar oferece um vasto car-

dápio de bebidas importadas. O cliente pode beber desde uma dose de uísque 12 anos por Cr\$ 7,5 mil e vinho francês Chateau Margaux por Cr\$ 600 mil. Assim que os clientes chegam, os garçons servem um prato de salgados mistos, por conta da casa. Uma pequena cozinha faz

seis pratos franceses e três tipos de sanduíches.

O nome é uma homenagem ao hipódromo Royal Ascot, em Londres. No local, além de um pianista, apresenta-se um conjunto musical, que começa a tocar às 22 horas. O couvert artístico é de Cr\$ 6 mil.

Ricardo Stuckert

**Lobistas sofrem revés mas ainda continuam fortes**

BRASÍLIA — A atividade dos lobistas em Brasília sofreu redução — mas ainda continua forte — com a divulgação dos escândalos na Fundação Nacional de Saúde (FNS) e da acusação de corrupção ao ex-ministro Antônio Rogério Magri, segundo um dos influentes profissionais da área, que não quis ser identificado.

Para Sérvulo Tavares, jornalista e ex-lobista, a retração começou a partir da gestão de Zélia Cardoso de Mello no Ministério da Economia. De acordo com ele, Zélia e sua equipe somente atendiam a sua turma, o que reduziu a influência de pessoas que trabalhavam na área há vários anos. Tavares disse que escritórios que representavam mais de cem empresas e que empregavam cerca de 70 funcionários fecharam. Segundo o ex-lobista, o mercado ficou vilipendiado com a entrada em campo de pessoas que nada mais têm a oferecer do que seus dotes físicos.

— Há muitos pára-quedistas atuando na área. O escândalo que envolve o ex-ministro Ma-

gi com as lobistas Sheila Wangerley e Marlene Schubert é tipicamente amadorístico. São pessoas que nada têm a oferecer a não ser pernas bonitas.

Na opinião de Tavares, o lobby é apenas uma tentativa de convencer membros do governo e parlamentares sobre a reivindicação de uma empresa ou grupo da sociedade, para ter aprovado ou regulamentado projeto de seu interesse.

Osmar Lemos, diretor-executivo da representação da Associação Nacional de Jornais em Brasília, por sua vez, entende que a função do lobista é entrar em contato com os parlamentares e discutir os assuntos do setor que representa. A troca de idéias é principalmente para que os parlamentares possam ter informações precisas sobre os projetos em discussão, pois a assessoria parlamentar é reduzida e não tem condição de realizar estudos profundos sobre todos os assuntos.

O maior problema no Brasil é a falta de legislação sobre a matéria, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, onde o lobista, para atuar, deve ser registrado no Congresso. Um ex-funcionário do governo americano que pretenda atuar no setor deve-se afastar por pelo menos um ano.